



O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE ATLETAS DAS CATEGORIAS DE BASE SOB A CONCEPÇÃO DO TREINADOR DE FUTEBOL

THE PROCESS OF TRAINING ATHLETES IN BASIC CATEGORIES UNDER THE CONCEPTION OF THE FOOTBALL COACH

Thiago Azevedo da Silva

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)

professorthiagoazevedo@hotmail.com

Eliana Crispim França Luquetti

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense

elinaff@uenf.br

RESUMO

É crescente número de clubes que têm o interesse de investir nas categorias de base de futebol para formar atletas profissionais qualificados, tanto para compor a equipe profissional, como também para negociá-los para clubes no Brasil e no exterior. Neste sentido, a pesquisa vem demonstrar aspectos importantes que devem fazer parte do processo formativo nas categorias de base, podendo contribuir para que o clube se torne uma referência em estrutura e revelação de atletas. Utilizamos como referencial teórico os principais autores, como: Cunha *et al.* (2011), Pereira (2015), Costa (2010) e a Lei nº 9.615/98 (Lei Pelé). Realizamos uma entrevista de um treinador de futebol das categorias de base, pertencente a um dos clubes mais tradicionais do Brasil. Quanto a metodologia, consiste em um estudo, qualitativo, descritivo. Foi realizada uma pergunta “aberta” ao treinador e este respondeu em forma de texto escrito. A pergunta diz respeito aos aspectos considerados importantes que devem fazer parte do processo formativo dos atletas das categorias de base. Com isso, pesquisa permitiu evidenciar aspectos importantes do processo de formação, como: o clube ter pilares técnico, tático, físico e psicossocial bem entrelaçados; ter bem estabelecidas suas diretrizes de formação, sua missão, visão e valores; uma estrutura física adequada; recursos humanos bem-preparados e calendários de campeonatos que propiciem aos atletas as vivências competitivas. Além disso, que os profissionais envolvidos com o processo de formação de atletas atentem para as particularidades do desenvolvimento biológico individual, observando o nível de maturação de cada atleta; que a comissão técnica observe a idade entre 10 a 15 anos como excelente fase para estimular os atletas ao refinamento de gestos técnicos e

motores; que a comissão técnica venha respeitar os conteúdos de treinamentos por categoria e que o clube tenha alternativas de mercado para quem não for utilizado pelo profissional.

Palavras-chave: Formação de atletas; categorias de base; treinador; futebol.

ABSTRACT

There is a growing number of clubs that are interested in investing in the youth football categories to train qualified professional athletes, both to form the professional team and also to sell them to clubs in Brazil and abroad. In this sense, the research demonstrates important aspects that must be part of the training process in the youth categories, and can contribute to the club becoming a reference in structure and development of athletes. We used the main authors as a theoretical reference, such as: Cunha *et al.* (2011), Pereira (2015), Costa (2010) and Law No. 9,615/98 (Pelé Law). We conducted an interview with a youth football coach, belonging to one of the most traditional clubs in Brazil. As for the methodology, it consists of a qualitative, descriptive study. An “open” question was asked to the coach and he responded in the form of a written text. The question concerns the aspects considered important that should be part of the training process of athletes in the youth categories. With this, research made it possible to highlight important aspects of the training process, such as: the club having well-intertwined technical, tactical, physical and psychosocial pillars; have well-established training guidelines, mission, vision and values; an adequate physical structure; well-prepared human resources and championship calendars that provide athletes with competitive experiences. Furthermore, professionals involved in the athlete training process must pay attention to the particularities of individual biological development, observing the level of maturation of each athlete; that the technical committee observes the age between 10 and 15 years as an excellent phase to encourage athletes to refine technical and motor gestures; that the technical committee respects the training content by category and that the club has market alternatives for those not used by the professional.

Keywords: Athlete training; basic categories; trainer; soccer.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema “O processo de formação de atletas das categorias de base sob a concepção do treinador de futebol” e tem como objetivo analisar a percepção de um

treinador sobre a formação de atletas nas categorias de base do futebol, sob uma análise interpretativa.

Justifica-se a importância dessa pesquisa, em razão do crescente número de clubes que têm o interesse de investir nas categorias de base de futebol para formar atletas profissionais qualificados, tanto para compor a equipe profissional, como também para negociá-los para clubes no Brasil e no exterior. Neste sentido, a pesquisa vem demonstrar aspectos importantes que devem fazer parte do processo formativo nas categorias de base, podendo contribuir para a evolução e desenvolvimento do atleta, bem como para que o clube se torne uma referência em estrutura e revelação de atletas.

Ao se falar em revelação de atletas, percebe-se que a formação dessas crianças e adolescentes no futebol perpassa por uma equipe multiprofissional que compõem a comissão técnica de clube, que são formados por preparadores físicos, auxiliares técnicos, analista de desempenhos, fisiologistas, além de médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros.

O treinador é a principal liderança da comissão técnica de uma equipe. Ele é o sujeito responsável em dirigir os treinamentos, promover a evolução técnica e tática dos atletas, além de corrigir erros ligados a esses aspectos. Sua função também está ligada a promover estratégias no ambiente de treinamento, que venham ser utilizadas nos jogos, no intuito de fazer com que sua equipe tenha um bom desempenho em campo.

No que diz respeito aos treinadores de categorias de base, esses são sujeitos fundamentais no processo de formação. Esses profissionais exercem uma função trabalhosa, devido grande quantidade de intervenções/correções que devem ser tomadas para a melhora dos atletas.

Cabe a esses junto com sua comissão técnica levarem seus atletas a evoluírem de forma gradativa, levando-os a desenvolverem nos aspectos tático, técnico, físico e mental, onde todo o planejamento venha ser no intuito de atender às necessidades das categorias posteriores, facilitando o processo de transição do jogador.

Os treinadores das categorias de base também devem estar atentos em relação a alguns cuidados no processo de formação, onde tais não devem ser tratados como um adulto em miniatura. É importante que os treinadores nessa etapa fiquem atentos a carga de treinamentos, respeitando a faixa etária e a maturação do praticante, para que não ocorra problemas principalmente físicos e emocionais.

Neste sentido o presente estudo vem demonstrar aspectos importantes que devem ocorrer no processo de formação de atletas das categorias de base segundo a concepção de um treinador de um dos grandes clubes formadores do futebol brasileiro.

Trata-se de um estudo, qualitativo, descritivo, realizado com um treinador de futebol de categoria de base de um dos maiores clubes do Brasil. A escolha desse profissional se deu pelo fato de ser um profissional experiente e que atua em um clube de grande estrutura, proporcionando assim respostas bem estruturadas e fundamentadas quanto a real necessidade no que diz respeito ao que se deve fazer parte do processo formativo nas categorias de base.

O pesquisador do estudo entrou em contato com o treinador e esse aceitou a participar da pesquisa. Foi enviada a pergunta “aberta” e o treinador respondeu em forma de texto escrito.

A pergunta tratava a respeito de aspectos considerados importantes na visão do treinador, que deveriam fazer parte do processo formativo dos atletas das categorias de base.

1. A PROFISSÃO DE TREINADOR DE FUTEBOL

Com a chegada do futebol no Brasil, veio também a figura do técnico, nome dado inicialmente para aquele que era o responsável em comandar a equipe de jogadores. No entanto, por não ter uma escola formadora para esse tipo de profissão, aproveitava-se ex-jogadores com larga experiência para exercer a devida função. Esses aproveitavam experiências adquiridas através do conhecimento empírico, ou seja, aquele adquirido com a prática dos tempos de jogador (BELTRÃO e VIANA, 1984, apud PEREIRA, 2015).

Pereira (2015) informa que ao longo do tempo, especificamente antes da década de 30, os atletas iam envelhecendo e muitos destes tinham condições de exercer a função de técnico, porém a preferência se dava através dos seguintes critérios:

[...] a preferência no mercado recaía sobre aqueles que se destacavam por sua capacidade em transmitir sua experiência

como atleta, pela capacidade de interpretação das variações psicológicas do atleta e do grupo, por sua liderança, pela leitura do jogo, e muitos outros fatores no campo do empirismo. Tendo em vista isso, o sucesso do técnico estava diretamente ligado ao poderio financeiro do clube em agregar jogadores com qualidades técnicas comprovadas. (PEREIRA, 2015, p.31).

Conforme o futebol ia passando pelo processo de profissionalização, a partir de 1931 (Caldas, 1994), conseqüentemente a função de treinador seguia o mesmo caminho. Fernandes *et al.* (2013) citam que o início da profissionalização do treinador de futebol no Brasil aconteceu no final da década de 1930, com o surgimento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro), que contribuía para o processo de formação não só de técnicos de futebol, como também de outras modalidades esportivas, além de formar profissionais de Educação Física.

No entanto, a presença de um profissional qualificado para atuar como treinador só foi instaurado em 1941 pelo Decreto-Lei 3.199, se tornando apto aquele formado justamente pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEAL, 2001).

Em 1993 entrou em vigor a Lei que regulamenta as relações de trabalho do treinador de futebol no Brasil (Lei n. 8.650/1993). A partir daí os treinadores de futebol começaram a obterem a garantia de direitos trabalhistas e previdenciários. O exercício desta profissão está regulamentado no artigo terceiro da referida lei que estabelece:

O exercício da profissão de Treinador Profissional de Futebol ficará assegurado preferencialmente:

I -aos portadores de diploma expedido por Escolas de Educação Física ou entidades análogas, reconhecidas na forma da lei;

II -aos profissionais que, até a data do início da vigência desta lei, hajam, comprovadamente, exercido cargos ou funções de treinador de futebol por prazo não inferior a seis meses, como empregado ou

autônomo, em clubes ou associações filiadas às Ligas ou Federações, em todo o território nacional (BRASIL, LEI nº. 8.650/1993).

Com isso pode-se observar que a Lei considera como apto a exercer a atividade de treinador de futebol, preferencialmente, os diplomados em Educação Física e os profissionais que comprovem experiência na área do futebol, sem a obrigatoriedade da formação superior em Educação Física.

No entanto, no que diz respeito a essa formação, há divergências a respeito dos requisitos exigidos para atuar como treinador de futebol no Brasil. De um lado o Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), que baseado no artigo terceiro da Lei n. 9696/1998 considera que:

Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto (BRASIL, 1998 – art. 3º).

Neste sentido, o órgão responsável pelos profissionais de Educação Física defende a posição de que é competência do profissional de Educação Física aplicar métodos e técnicas de aprendizagem e orientação direcionadas ao treinamento técnico e tático, de modalidades desportivas.

Há também o posicionamento de instituições sindicais que defendem a atuação de treinadores de futebol não formados em Educação Física, que já possuem outras experiências com esse desporto, normalmente constituídos por ex-atletas que exercem ou exerceram a função de treinador em clubes (FURTADO, GOULART, SIMON, 2019).

Furtado, Goulart e Simon (2019) afirmam que há uma forte disputa entre o Conselho de Educação Física e o Sindicato dos Treinadores para identificação de qual

é o posicionamento mais adequado sobre a formação dos treinadores de futebol (se seria obrigatória a formação em Educação Física ou se esta formação seria dispensada para os que já tem um tempo de experiência no futebol). Os autores destacam que o posicionamento sindical tem sido predominante. Nesta mesma posição, Oliveira, *et. al* (2019) informa que a graduação em Educação Física não é requisito obrigatório para os treinadores de futebol, pois a lei que regulamenta as relações de trabalho do treinador não estabeleceu esta obrigatoriedade. A Lei n. 8.650/1993 estabelece apenas a preferência para os que são formados em Educação Física.

Cunha *et al.* (2010) citam que o desenvolvimento do treinador de futebol no campo de atuação passa pelo processo de formação em Educação Física, como também através de programas de formação condizentes com os requisitos da modalidade.

Em meio a tais divergências, surge então em 2005 a Escola Nacional de Treinadores de futebol (projeto FIFA Goal Project) ofertada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que tem como objetivo promover formação continuada aos profissionais de educação física, ex-jogadores de futebol que desejam atuar em diferentes áreas, adquirindo as licenças de forma gradativa. Esta é dividida em quatro níveis e com carga horária de 720 horas. O curso de treinador é dividido em Licença C (professores de escolinhas e projetos sociais), Licença B (treinadores de categoria de base), Licença A (treinadores de equipes profissionais), e Licença Pró (voltado a excelência na modalidade) (CBF, 2017 apud FURTADO, KRAUS e JAQUES, 2019).

Com essas formações, conforme as licenças, a CBF autoriza treinadores atuarem no futebol em competições que são regulamentadas/organizadas/direcionadas pela devida Instituição, seja a pessoa formada em Educação Física ou não.

2. TREINADOR DE FUTEBOL

O treinador é um funcionário do clube que exerce uma função de destaque dentro da comissão técnica, pois ele tem a função de dirigir os treinamentos, seja técnico e tático, além de elaborar estratégias para o melhor desempenho de sua equipe durante as partidas. Ele é o principal líder, porém Marturelli e Oliveira (2005) destacam que este é auxiliado por uma comissão técnica, formada por uma equipe multiprofissional, formada por preparadores

físicos, auxiliares técnicos, analista de desempenhos, fisiologistas, além de médicos, nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos, entre outros.

Geralmente o treinador assume a responsabilidade de toda a programação desenvolvida pela sua equipe, com isso, faz-se necessário que este profissional tenha competências e habilidades para exercer múltiplas funções para conduzir adequadamente o trabalho com sua equipe (MARTURELLI E OLIVEIRA, 2005).

Serpa (2003) afirma que os treinadores de futebol têm como responsabilidade promover o desenvolvimento pessoal do atleta, nos aspectos relacionados aos processos progressivos de maturação e ao desenvolvimento técnico, para que sempre os jogadores estejam em um bom nível e tenham uma longa carreira.

Outra função importante ligada ao treinador é fazer com que seu grupo de comandados tenha o interesse, ou sinta prazer nos treinamentos realizados. Um dos fatores importantes para que isso aconteça é fazê-los enxergar sentido nos treinamentos, ou seja, estes precisam saber e entender em qual momento determinada tarefa executada no treino será importante em situações reais de jogo. Treinos dinâmicos com situações variadas de jogo também poderão contribuir para a motivação dos atletas durante execução de tarefas.

Neste sentido, Cunha *et al.* (2011) informam que o treinador é o responsável em fazer com que seus comandados adquiram a aprendizagem através do bom desempenho durante as atividades. Além disso, é importante que o treinador proporcione metodologias que venham despertar o interesse e o estímulo dos atletas, aspectos citados pelo autor como essenciais no processo de ensino-aprendizagem.

Ressalta-se que durante os treinamentos, uma maneira sugestiva de manter os atletas motivados é através do que chamamos de motivação extrínseca. Nesse contexto o treinador interferirá através do seu comando de voz induzindo seus atletas a darem o melhor de si.

Em relação ao rendimento dos jogadores, observa-se que, seja de forma individual, coletiva, estes poderão em determinados momentos não alcançar resultados desejados, seja por diversas situações, sendo assim, cabe ao treinador identificar junto com sua comissão técnica e diretorias as causas de maus resultados. Contudo vale ressaltar que resultados positivos também devem ser avaliados por esses membros para que tais aspectos sejam repetidos e aproveitados para outras temporadas.

Um papel fundamental do treinador é conhecer seus atletas e saber o que cada um tem de melhor e o que esse melhor pode contribuir para o grupo. Ao mencionar esse aspecto estamos falando tanto de contribuição relacionada ao desempenho técnico, tático, mais também social, ou seja, no que cada atleta tem a oferecer que contribua para a coesão do grupo.

Ressaltasse que nem sempre as equipes de futebol são consideradas coesas, mesmo estando juntas em grande parte do tempo. Cunha *et al.* (2001 p. 90) citam que:

Ainda assim, uma equipe, mesmo com baixo índice de coesão social, pode obter resultados satisfatórios, uma vez que o mau relacionamento entre seus membros pode não interferir no rendimento dos mesmos nos treinamentos e jogos. Por sua vez, um elevado índice de coesão para a tarefa e principalmente social proporciona condições favoráveis para que seus integrantes desenvolvam suas funções, capacidades e competências da melhor maneira possível.

Sabendo da importância de um grupo coeso é importante que o treinador informe vantagens de se manter um grupo unido, que todos se respeitem e obtenham responsabilidades.

Ser um facilitador da aprendizagem também é uma das tarefas fundamentais do treinador de futebol. Isso significa ser claro nas explicações, o que está diretamente ligado a necessidade deste profissional saber comunicar de forma adequada, instruindo, visto que o entendimento/compreensão, por parte dos atletas/equipe irá contribuir em seus desempenhos dentro de campo.

Santos (2003), destaca a importância da qualidade da instrução para que ocorra o processo de ensino aprendizagem eficiente no ambiente esportivo, sendo tal fato essencial para o sucesso tanto do treinador como do atleta.

Outro ponto fundamental de destaque quanto a função do treinador é o zelo pela atualização profissional. O futebol a todo instante está cercado de novidades, seja a respeito de treinamentos táticos, técnicos e físicos. Compartilhar conhecimentos através de cursos,

intercâmbios em clubes, seja no Brasil ou no exterior, irá contribuir para novas experiências e consequentemente para o crescimento profissional.

Ser um profissional atualizado significa estar cercado de instrumentos que permitem a facilitação do seu trabalho, ou seja, cabe ao treinador de futebol utilizar recursos, seja tecnológico ou manuais, que venham contribuir para sua rotina de treinamentos, promovendo assim a organização e a clareza do trabalho, seja no ambiente de treinamento ou de jogo.

3. TREINADOR DE FUTEBOL DE CATEGORIAS DE BASE

Desde as categorias de base, já se inicia a procura por atletas de destaque, onde esses já são sondados por grandes clubes, principalmente da Europa, o que os tornam supervalorizados, sendo um grande negócio financeiro para o clube que o revela (SORIANO, 2010). Neste sentido, surge a necessidade dos treinadores que integram o departamento de base se especializarem cada vez mais, para que estes venham proporcionar a melhor performance dos atletas.

O treinador de futebol de categorias de base é sujeito fundamental no processo de formação. Paoli, Silva e Soares (2008) apresentam algumas etapas importantes, que os atletas das categorias de base passam desde a sua chegada ao clube, sendo: oportunidade, detecção, seleção, promoção, exposição e comercialização.

Serpa, (2003) cita que durante o processo de formação de um atleta há várias etapas de transição que contribuem o seu crescimento e desenvolvimento. O autor define de modo geral a carreira de um esportista a partir de quatro fases:

A primeira, a que daremos o nome de iniciação, corresponde aos primeiros contactos com o desporto, que devem ter lugar por meio de uma abordagem essencialmente lúdica, na qual o divertimento deriva de um correcto envolvimento na tarefa e de uma não-valorização do resultado desportivo. Na fase de desenvolvimento que se segue, a criança ou o jovem que no período anterior tenha revelado a sua disponibilidade para a prática desportiva começa a sentir-se um atleta, já que é inserido em programas mais estruturados de treino e sujeito a um novo tipo de aprendizagem e de disciplina. Na terceira fase, ou

de especialização, o praticante está já envolvido num sistema que visa claramente à excelência na realização da prestação desportiva, o que implica a consagração de enormes recursos de tempo e energia com vista a alcançar exigentes objectivos de médio e longo prazos. Finalmente, surge a fase de retirada ou reforma desportiva, que implica um novo tipo de adaptação a uma realidade diferente daquela que constituiu a vida do praticante ao longo de muitos anos (SERPA, p.76,77).

Em alguns clubes de futebol já se encontram categorias de base a partir dos seis anos de idade. Ressalta-se que as chamadas categorias de base vão até o sub 20, ou seja, o atleta poderá compor uma equipe de base até antes da virada do ano em que completará 21 anos.

Paoli (2007) chama a atenção para que os profissionais envolvidos em cada categoria trabalhem de maneira integrada, e que todo o planeamento atenda às necessidades das categorias posteriores, facilitando o processo de transição do atleta.

No que diz respeito especificamente ao treinador das categorias de base, ou seja, o que está diretamente ligado a formação do atleta, Castelo (2002) afirma que esses profissionais exercem uma função trabalhosa, devido grande quantidade de intervenções/correções que devem ser tomadas para a melhora dos atletas.

Nesse período é importante que o treinador forneça a seus atletas variedades de estímulos ao que se objetiva ensinar (princípio da variabilidade), seja nos aspectos técnicos e táticos, com constantes adaptações que promovam o autoaprendizado e o aprendizado coletivo.

Bettega, Scaglia, Morato & Galatti, (2015) também chamam a atenção a respeito dos aspectos metodológicos desenvolvidos nas categorias de base dentro do contexto técnico e tático. Segundo eles os treinos devem configurar-se na diversificação das formas de jogar, e os atletas devem ser estimulados a procurar soluções para diversas situações problemas que ocorrem nas partidas. As atividades não devem ser direcionadas a repetições de exercícios com ações já determinadas e lógicas, pois tais fatos não irão desenvolver a criatividade de soluções de problemas que possam ocorrer nos jogos.

Porém, Rosado, Sarmiento e Rodrigues (2000) chamam a atenção que, os treinadores durante essa etapa não devem se ater apenas aos aspectos técnicos e táticos da modalidade esportiva, mas também na orientação quanto ao desenvolvimento pessoal e social dos atletas, ou seja, na sua formação como pessoas. Neste sentido, Bravo (2008) cita que nesta fase o treinador pode contribuir de modo eficaz para o processo de desenvolvimento social, pelo fato da prática esportiva ser um instrumento socializador.

O processo de formação desportiva deve ser desenvolvido agregando valores ligados a persistência, ao sentimento de pertencimento de equipe, aumento da autoestima, novas competências e segurança no desenvolvimento das atividades (SMITH E SMOLL 1997).

Além disso, Cardoso (2007) chama a atenção em relação a alguns cuidados que os treinadores de futebol devem ter no processo de formação e cita que os atletas não devem ser tratados como um adulto em miniatura durante o processo de ensino e aprendizagem. A prática esportiva não se equivale a mesma carga de treinamento dos atletas profissionais. Todos os ensinamentos, métodos, objetivos e os níveis de dificuldades devem respeitar a faixa etária e a maturação do praticante.

Costa (2010 *et al.* p.55) chama a atenção a respeito de alguns cuidados que devem ser observados no processo de formação de jogadores:

Na formação e na preparação dos jovens jogadores os cuidados devem centrar-se nos aspectos pedagógicos dos exercícios sendo devidamente orientados a fim de propiciar evolução do conhecimento e do nível de desempenho técnico e tático. Nesse instante, a figura do professor/treinador exerce importante função, uma vez que é da sua responsabilidade a programação das atividades adequadas para o desenvolvimento esportivo. Diante deste contexto, o profissional não pode tratar as atividades de iniciação esportiva como uma mera adaptação ou redução da realidade esportiva dos adultos, porque se corre o risco de fornecer uma experiência negativa que leve ao abandono da prática esportiva.

A comissão técnica de modo geral deve estar atenta ao período de formação de atletas, pois nessa fase pode ocorrer a queda no desempenho ou até mesmo o abandono da

carreira por situações como: excesso de pressão por resultados por parte de treinadores e pais, cargas excessivas de treinamento físico, ocasionando lesões, distanciamento de familiares, entre outros.

4. CONCEPÇÕES DO TREINADOR PARA O PROCESSO FORMATIVO DOS SEUS JOGADORES APRENDIZES

Destaca-se que essa pesquisa tem por objetivo demonstrar aspectos fundamentais que devem fazer parte do processo de formação de atletas pertencentes às categorias de base de clubes de futebol, na visão do sujeito da pesquisa. Com isso, quanto ao instrumento, foi elaborada uma pergunta “aberta” destinada ao treinador entrevistado. A resposta foi enviada em forma de texto escrito.

Em relação ao local, a pergunta foi respondida no próprio clube que o treinador atua, sendo este um clube com excelente estrutura física, contanto com vários campos de futebol, vestiários, piscina, sala de musculação, auditório para reuniões, área de lazer, refeitório, onde os atletas da base fazem alimentação no próprio clube. Além disso, o clube é composto de departamento de médico, odontológico, fisiologia, fisioterapia, nutricional, psicológico e de análise de desempenho, ou seja, tudo que contribui para a boa formação dos atletas em relação ao desempenho técnico, tático, físico e social dos jogadores.

Ressalta-se que o departamento de base do clube promove vários atletas para a categoria profissional e negocia atletas tanto para o mercado nacional, quanto internacional.

Em relação ao sujeito da pesquisa, este tem mais de 10 anos de experiência como treinador de futebol, possui a Licença A e B da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), graduado em Educação Física e Pós- Graduado em Futebol. Possui também experiência em liderar planejamento de conteúdos técnicos e táticos nas categorias de base, além de elaborar planejamentos de desenvolvimento individual de jogadores. Possui experiência como treinador de futebol nas categorias sub 14, 15, 16 e 19. Destaca-se que antes de atuar como treinador de futebol da categoria de base do mencionado clube dessa pesquisa, trabalhou em outros três clubes de categorias de base.

Este tópico do artigo refere-se às respostas desse treinador de futebol que destaca os seguintes aspectos que devem fazer parte do processo formativo nas categorias de base:

O processo de formação de atletas de futebol deve ter como norte os pilares técnico, tático, físico e psicossocial. Para atingir tais objetivos é necessário que o clube tenha bem estabelecido suas diretrizes de formação, sua missão, visão e valores, uma estrutura adequada (com salas, academias, consultórios, fisioterapia, campos, vestiários, materiais esportivos, dentre outros), recursos humanos e um calendário de campeonatos que propicie aos atletas as vivências competitivas (TREINADOR, 2023).

Em relação ao primeiro aspecto apontado pelo treinador é importante que os pilares citados caminhem juntos. Em relação ao aspecto técnico, tático e físico, faz-se necessário que os programas de treinamento sejam diversificados, realizados de acordo com as faixas etárias, e que venham contribuir não somente para a categoria que o atleta se encontra, como também capacitá-lo e prepará-lo para a próxima categoria.

Macedo e Leite (2009 *apud* Melo, Paoli e Silva 2007) citam que é importante os componentes tático, físico e técnico estarem alinhados para o amplo desenvolvimento de uma equipe de futebol. Os autores ainda relatam que dentre esses três, o componente tático merece destaque, visto que este tem sido o diferencial de uma equipe, interferindo diretamente nos resultados dos jogos.

Quanto ao aspecto psicossocial, sabe-se que atletas de categorias de base de clubes, principalmente a partir dos 14 anos, que é quando já podem alojar, estes vivem grande parte do tempo juntos com seus companheiros de equipe, além dos profissionais do clube, estabelecendo grande vínculo de amizade. Tal fato surge pela grande convivência em concentrações, viagens, treinamentos e jogos, além da real possibilidade que qualquer esporte coletivo tem de aproximar e unir as pessoas.

Machado (2006) diz que as amizades vividas no ambiente do futebol são marcantes. Isto também é observado pelo fato de os atletas estarem também vivenciando e trabalhando juntos com o mesmo propósito, criando, assim, grande vínculo afetivo. Esse processo de união de um grupo em busca de metas e objetivos é chamado de coesão de acordo com Weinberg e Gould (2008), e é essencial para o bom desempenho de uma equipe.

Brandão *et al.* (2008) chamam atenção para o poder que a prática do futebol tem de socializar as pessoas. Além disso, o autor ressalta sobre a interação desenvolvida nesse ambiente esportivo, destacando que esses relacionamentos produzem grande impacto na vida dos jogadores de futebol.

Neste sentido é importante que clubes tenham o hábito de promover/construir ambientes de lazer dentro e fora do clube no intuito de levar os atletas a terem momentos de diversão e distração, o que é essencial para a vida de qualquer pessoa, ainda mais por se tratar de um ambiente de muita competição, preparação e busca por resultados satisfatórios e períodos de dispensas, ocasionando estresse desses “minis atletas”.

Santos *et al.* (2012) enfatiza que a carreira esportiva de um atleta não depende somente de pré-requisitos físicos, técnicos ou táticos, mas também de suas competências emocionais, que é a capacidade de regular os próprios estados emocionais (emoções relacionadas a medo, raiva, tristeza, euforia, etc), presentes no contexto do ambiente esportivo. Sendo assim, se faz necessário que clubes deem importância a esse fator, valorizando o papel do psicólogo, dando todo suporte e estrutura.

Gomes *et al.* (2022) enfatizam a respeito da importância do psicólogo dentro do clube, pois este pode fornecer a toda comissão técnica informações importantes em relação ao estado emocional dos atletas, principalmente por motivos de queda de rendimento em razão de situações comuns em atletas de base como estresse, ansiedade, angústia, falta da família, entre outros.

O treinador entrevistado neste estudo também destaca pontos essenciais no processo de formação de atletas nas categorias de base. Este relata que o clube tenha bem definidas as diretrizes de formação, como missão, visão, valores, além de estrutura física adequada (salas, academias, consultórios, fisioterapia, campos, vestiários, materiais esportivos, dentre outros), além dos recursos humanos e um calendário de campeonatos que propicie aos atletas as vivências competitivas.

Em relação às diretrizes de formação, como missão, visão, valores, *é importante que o clube estabeleça com clareza para seus atletas e para toda equipe de funcionários, esses três aspectos, para que de fato todo trabalho seja direcionado no intuito de cumprir esses preceitos.*

Um tipo de exemplo de missão de clube formador, pode ser formar atletas de qualidade no âmbito humano, social e esportivo. Uma das principais visões diz respeito a identificar e revelar atletas profissionais. Quanto aos valores a serem desenvolvidos nas entidades esportivas de futebol, esses geralmente são os mesmos desenvolvidos nos esportes de modo geral, como respeito, solidariedade, compromisso, espírito de equipe, honestidade, coragem, entre outros.

Quanto a estrutura física, ao analisar a resposta do treinador, esta remete a questões que a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) considera importante e obrigatória para que um clube de futebol obtenha o certificado de clube formador.

Ressalta-se que o mérito de clube formador surgiu em virtude dos clubes se protegerem em relação a questões dos direitos sobre formação de atletas em possíveis negociações dos mesmos.

A lei que protege os clubes neste sentido é a denominada Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), onde no seu artigo 29, §2º diz:

É considerada formadora de atleta a entidade de prática desportiva que: I – forneça aos atletas programas de treinamento nas categorias de base e complementação educacional; e II – satisfaça cumulativamente os seguintes requisitos: a) estar o atleta em formação inscrito por ela na respectiva entidade regional de administração do desporto há, pelo menos, 1 (um) ano; b) comprovar que, efetivamente, o atleta em formação está inscrito em competições oficiais; c) garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica, assim como alimentação, transporte e convivência familiar; d) manter alojamento e instalações desportivas adequados, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade; e) manter corpo de profissionais especializados em formação técnico desportiva; f) ajustar o tempo destinado à efetiva atividade de formação do atleta, não superior a 4 (quatro) horas por dia, aos horários do currículo escolar ou de curso profissionalizante, além de propiciar-lhe a matrícula escolar, com exigência de frequência e satisfatório aproveitamento; g) ser a formação do atleta gratuita e a expensas da entidade de prática desportiva; h) comprovar que participa anualmente de competições organizadas por entidade de administração do desporto em, pelo menos, 2 (duas) categorias da respectiva modalidade desportiva; e i) garantir que o período de

seleção não coincida com os horários escolares (BRASIL, LEI PELÉ, 1998).

Neste sentido, observa-se que as palavras que o treinador entrevistado considera importante para o desenvolvimento de atletas de base, relacionado a estrutura física, recursos humanos e calendário que propicie vivências esportivas, estas estão inseridas na Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), no artigo 29, §2º em algumas de suas alíneas.

Em relação a estrutura física a alínea “c” demonstra: *garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica. A alínea “d” informa: manter alojamento e instalações desportivas adequados, sobretudo em matéria de alimentação, higiene, segurança e salubridade.*

Observa-se que a alínea “c”, quando fala de ter um quadro de profissionais para garantir assistência aos atletas, estes profissionais conseqüentemente necessitarão de estrutura física, no caso específico escola (que em alguns clubes funcionam no local do clube) e consultórios.

Em relação a alínea “d”, destaca-se as estruturas físicas alojamento e instalações desportivas, ou seja, faz-se necessário que o local que os atletas estejam, que esse tenha uma boa estrutura para se alojarem e que o local da prática esportiva seja adequado.

Quanto aos recursos humanos, tanto a alínea “c”, quanto a “e” evidenciam o que o treinador entrevistado considera também importante em uma estrutura de formação de atletas nas categorias de base. Isso posto: “c”: *garantir assistência educacional, psicológica, médica e odontológica e) manter corpo de profissionais especializados em formação técnico desportiva;*

Relacionado a calendário de campeonatos que propicie aos atletas vivências competitivas, fato também destacado pelo sujeito entrevistado, a Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), no artigo 29, §2º, agora nas alíneas “b” e “h” também se remete a fala do treinador: “b” *comprovar que, efetivamente, o atleta em formação está inscrito em competições oficiais; h) comprovar que participa anualmente de competições organizadas por entidade de administração do desporto em, pelo menos, 2 (duas) categorias da respectiva modalidade desportiva.*

Observa-se que os aspectos apontados pelo treinador entrevistado, que devem fazer parte do processo formativo nas categorias de base (estrutura adequada, recursos humanos e um calendário de campeonatos que propicie aos atletas as vivências competitivas) estes são amparados pela Lei Pelé.

Outro ponto em destaque que deve fazer parte do processo formativo nas categorias de base, segundo o treinador, é a atenção que os profissionais do departamento de fisiologia, de preparação física e técnica devem ter em relação a condição maturacional dos atletas. Neste sentido, o entrevistado diz:

Considerando o processo de formação como um processo de, em média, 10 anos, sendo iniciado aos 10 anos de idade (e não dez processos de um ano), deve-se atentar às particularidades do desenvolvimento biológico individual, respeitando as diversas mudanças que o corpo humano “sofre” nesse período em questões maturacionais (TREINADOR, 2023).

Nesse contexto o mesmo informa sobre as avaliações dos atletas nessas fases:

Conseguir identificar a “margem para evolução” é determinante na escolha dos elencos e pensamento a médio/longo prazo, pois um atleta pode estar num estágio maturacional avançado e se sobressair em relação aos outros, mais pela capacidade física momentânea do que por questões técnicas, táticas e de tomada de decisão, e na categoria em questão atingir resultados competitivos consideráveis. Mas nos anos seguintes, quando os atletas chegam ao fim do processo maturacional e os níveis físicos se equilibram e não conseguem os mesmos resultados (TREINADOR, 2023).

Malina, Bouchard e Bar-or (2004) citam que a avaliação maturacional biológica tem tido destaque em pesquisas que envolvem atletas de futebol e chamado a atenção de pesquisadores formadores de jovens atletas (MATTA *et al.*, 2013).

A maturação biológica é conceituada como processo contínuo que ocorre nas alterações estruturais e funcionais das pessoas e que finalizam na idade adulta. Tal fator é

mais identificado na fase da puberdade (Malina; Bouchard; Bar-or, 2004). Já Malina e Bouchard, (2002) definem maturação biológica como o avanço em direção a um estado de amadurecimento.

Alves *et al.* (2015); Seabra, Maia e Garganta (2001) informam que as mudanças de rendimento dos atletas são ocasionadas por situações treinadas em campo, porém deve-se atentar também pelas alterações de estágios de maturação.

Asadi *et al.* (2018); Barbosa, (2018) e Silva e Oliveira (2010), também citam a maturação biológica como um dos aspectos que contribui para a diferenciação de rendimento, onde o grau maturacional de atletas podem determinar vários fatores, como também mais força, altura e adaptações a cargas de treinamento.

Ressalta-se que existem jovens que podem apresentar maturação biológica precoce. Ré *et al.* (2005) cita que de forma geral, adolescentes que apresentam maturação biológica precoce antes dos 13 anos de idade, estes possuem maior capacidade metabólica e tamanho corporal em comparação aos de mesma idade cronológica.

Neste sentido, Ré, Corrêa, & Böhme (2010) e Pearson, Naughton e Torode (2006) chamam a atenção de se observar o estágio de maturação de atletas, pois alguns podem ter vantagem significativa se estiverem em estágios de maturação biológica adiantada em relação a seus companheiros de mesma faixa etária.

Ramos Filho, Lopes e Oliveira-Júnior (2013) destacam os principais métodos utilizados para avaliação da maturação, sendo avaliação somática (idade no pico de velocidade de crescimento), esquelética (idade óssea), dental (erupção e calcificação dos dentes) e sexual (caracteres sexuais secundários).

O entrevistado também chama a tenção para o seguinte aspecto dentro do processo formativo:

A idade entre 10 a 15 anos é ótima para receber estímulos para refinar gestos técnicos e motores e a utilização de ambas as pernas, base essa que poderá ser importante para se sobressair em situações complexas de jogo futuramente. A ênfase no trabalho técnico e a

atenção para os atletas com maturação tardia devem ser consideradas (TREINADOR, 2023).

Ré (2010) relata que aproximadamente durante esse período (puberdade), pelo fato de ocorrer diversas alterações morfológicas e funcionais, tais fatos interferem diretamente na capacidade de desempenho esportivo.

O período compreendido de 10 a 15 anos de idade, citado pelo treinador entrevistado, é o período que Gallahue e Ozmun (2005), autores que se destacam em estudos sobre habilidades motoras, chamam de fase motora especializada.

Segundo os autores essa fase é onde deve ocorrer a progressão de refinamento das habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas para a utilização em situações exigentes. Além disso, por se tratar de um período em que crianças e adolescentes passam por mudanças significativas que interferem no aprimoramento do desenvolvimento motor, torna-se sugestivo treinadores/professores passem estímulos que venham promover o desenvolvimento de habilidades motoras.

O treinador ao ser entrevistado ainda continua:

Outra vez, pensando em um processo de 10 anos, respeitar os conteúdos por categoria é importante para que o atleta receba aquilo que está pronto para aprender e executar. Antecipar alguns conteúdos em prol do resultado esportivo poderá prejudicar o atleta futuramente. A janela propícia para receber os estímulos que ficarão gravados na memória (10 a 15 anos), se esta não for respeitada, quando estiver nas categorias mais próximas do profissional (Sub-17 / Sub-20) o atleta poderá ter o seu desempenho prejudicado ou não terá atingido todo o potencial caso tivesse sido respeitada a janela mencionada (TREINADOR, 2023).

Nesse aspecto, Silva (2006) relata que se deve ter uma atenção especial em relação ao desenvolvimento das capacidades e qualidades físicas dos atletas. Para que estes atinjam um elevado nível nos anos subsequentes, faz-se necessário o respeito em relação a idade

cronológica e o ritmo de desenvolvimento de cada atleta. Ressaltasse também, como citado anteriormente a necessidade de observar o nível de maturação dos atletas.

Gomes e Souza (2008) também destacam sobre a importância de treinadores estabelecerem treinamentos não só físicos, como também técnicos, condizentes com a faixa etária de seu grupo, respeitando assim seus limites.

Machado (2019) cita que diferente de antigamente, hoje já se nota crianças/adolescentes com grau de maturação muito desenvolvido, por isso também observa-se repetidamente atletas com idade já a partir de 16 anos fazendo parte da equipe “profissional”, porém, os malefícios dessa antecipação é que mesmo desenvolvidos fisicamente, estes jogadores não estão prontos psicologicamente para suportar a grande pressão que advém dos intensos treinamentos e a constante busca por bons desempenhos nos jogos. Tais fatos podem ocasionar a não obtenção da melhor performance dos mesmos.

Outro fator importante relatado pelo treinador como fundamental no processo formativo de jovens atletas é estes terem uma sequência na carreira para quem não for aproveitado no profissional, como também, quando aproveitados, que essa “subida” seja de maneira gradativa. O treinador relata:

Por fim, mas não menos importante, a transição base - profissional é mais um desafio para os atletas. Ter alternativas de mercado para quem não for utilizado pelo profissional ajuda os atletas a terem sequência na carreira, assim como um processo gradativo de subida ao profissional e entrada nos jogos (TREINADOR, 2023).

Ter sequência na carreira é fator primordial para a vida desses atletas, haja vista que estes passaram grande parte de suas vidas distantes de seus familiares, dedicados a treinos, viagens, concentrações e abdicaram de outras atividades sociais que fazem parte e são importantes durante o período da adolescência e juventude.

Outro grande problema é que esses atletas, durante o período que passam nos clubes estão sujeitos a serem dispensados a qualquer momento e poucos priorizam os estudos quando fazem parte de uma equipe. Ocorre que, quando são dispensados, inicialmente procuram outros clubes que possam continuar sua sonhada carreira, porém não tendo êxito

se deparam com dificuldades de exercerem outras profissões em razão de não terem priorizado também os estudos.

Soares *et al.* (2011) em suas pesquisas com jovens atletas de 15 a 20 anos de idade que atuam em clubes do Rio de Janeiro, observou que os maiores interesses dos sujeitos entrevistados estavam diretamente ligados à carreira no futebol e os estudos estariam em segundo plano.

Os mesmos autores também chamam a atenção a respeito desse fato, relatando que:

O mercado do futebol não apresenta uma oportunidade concreta para todos que vislumbram o sonho de ser um jogador famoso, a compatibilização entre treinamento e estudos formais é necessária para que aqueles que forem malsucedidos no futebol (o que de fato ocorrerá com a maioria dos jovens envolvidos nesse processo). O investimento em permanecer na escola é importante para que os malsucedidos não criem um custo posterior quando forem procurar vagas de trabalho no mercado formal (SOARES, *et al.*, 2011, p. 261).

Neste sentido, mesmo sabendo que nem todos serão aproveitados na equipe profissional, se faz necessário que o clube tenha uma “política” de aproveitamento de seus atletas quanto a negociações com outros clubes, através também de parcerias.

Sabe-se da dificuldade de relacionar estudo e carreira de futebol nas categorias de base, como também profissional, em razão do número de treinos viagens, sendo a EaD (Educação a Distância) uma alternativa.

Marques e Samulski (2009) em seus estudos referentes à análise da carreira esportiva de jovens atletas, também constataram a dificuldade de os atletas conciliarem a profissão de jogador de futebol com os estudos, chamando a atenção dos clubes sobre a necessidade de propor alguma forma de propiciar aos atletas continuidade à vida acadêmica, possibilitando assim um futuro melhor.

Em relação ao aproveitamento do atleta de forma gradual para o profissional, tal aspecto se faz necessário em razão do processo de adaptação que deve ocorrer de forma

lenta e cuidadosa para que não ocorra malefícios ligados à área física e psicológica, fatores esses já citados no estudo.

5. CONSIDERAÇÕES

Em relação aos aspectos que devem fazer parte do processo formativo nas categorias de base, o treinador destacou primeiramente que o clube tenha como norte os pilares técnico, tático, físico e psicossocial.

Neste sentido, a literatura especializada observou que todos esses pilares devem caminhar juntos, pois o bom rendimento dos atletas tanto no ambiente de treinamento, quanto de jogo, depende de todos esses fatores entrelaçados e em relação a parte psicossocial, tenham o hábito de promover/construir ambientes de lazer dentro e fora do clube no intuito de levar os atletas a terem momentos de diversão e distração pelo fato do ambiente de formação ter muita competição, preparação e busca por resultados satisfatórios e períodos de dispensas, ocasionando problemas emocionais desses “minis atletas”.

Com relação ao segundo fator observado pelo treinador, em que o clube tenha bem estabelecidas suas diretrizes de formação, sua missão, visão e valores, *é importante que as instituições esportivas formadoras estabeleçam com clareza para seus atletas e para toda equipe de funcionários, esses três aspectos, para que de fato todo trabalho seja direcionado no intuito de cumprir esses preceitos.*

Sobre o terceiro aspecto destacado pelo treinador, que foi a respeito da importância de uma estrutura adequada, observa-se que todos esses, vão de encontro ao que a Lei Pelé determina para que um clube seja considerado formador, neste sentido, é de suma importância todos os clubes formadores se enquadrarem conforme a Lei.

Em relação a outro ponto de destaque que o treinador apontou, que os profissionais envolvidos com o processo de formação de atletas se atentem às particularidades do desenvolvimento biológico individual, observando o nível de maturação de cada atleta, tal fator é importante, pois alguns podem ter vantagem significativa se estiverem em estágios de maturação biológica adiantada em relação a seus companheiros de mesma faixa etária. Caso não haja essa atenção, futuros atletas promissores podem ser dispensados, ficando pelo caminho.

O entrevistado também destacou que a comissão técnica observe a idade entre 10 a 15 anos como excelente fase para estimular os atletas ao refinamento de gestos técnicos e motores e a utilização de ambas as pernas. Neste sentido o estudo observou que o período da puberdade é uma ótima fase para recebimento de estímulos motores, pelo fato de ocorrer diversas alterações morfológicas e funcionais, onde tais fatos interferem diretamente na capacidade de desempenho esportivo.

O treinador, sujeito da pesquisa também ressaltou que a comissão técnica respeite os conteúdos por categoria, haja vista que tal fato permitirá o melhor desenvolvimento não somente para a categoria que o atleta se encontra, como também capacitá-lo e prepará-lo para a próxima categoria. Além disso, é importante atentar para possíveis malefícios quando os atletas são encaminhados para categorias superiores, pois mesmos desenvolvidos fisicamente, estes jogadores muitas vezes não estão prontos psicologicamente para suportar a grande pressão que advém dos intensos treinamentos e a constante busca por bons desempenhos nos jogos.

Em relação ao último fator, o treinador destaca que os clubes tenham alternativas de mercado para quem não for utilizado pelo profissional, que se tenham uma “política” de aproveitamento de seus atletas quanto a negociações com outros clubes, através de parcerias, para que esses possam ter sequência na carreira. A literatura especializada chama a atenção para que os clubes incentivem seus atletas a darem continuidade à vida acadêmica, no que diz respeito ao Ensino Superior, sendo o EAD uma estratégia, isso pelo fato de muitos não terem tido possibilidade de darem continuidade aos estudos durante o período em que estiveram nas categorias de base.

Esta pesquisa vem contribuir para a expansão do conhecimento dos integrantes de comissões técnicas e diretorias de futebol, a fim de buscarem melhores resultados na formação, evolução e desenvolvimento dos atletas de base para que estes recebam a preparação adequada para compor a equipe profissional ou serem negociados para clubes no Brasil e no exterior.

Além disso, a pesquisa vem demonstrar aspectos importantes que devem fazer parte do processo formativo nas categorias de base, podendo contribuir para que o clube se torne uma referência em estrutura e revelação de atletas.

Recomendam-se novas pesquisas no intuito de destacar outros fatores fundamentais que devem fazer parte da estruturação de um clube formador.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. V. N.; SANTOS, L. R.; VIANNA, J. M.; SILVA NOVAES, G.; DAMASCENO, V. O. **Força explosiva em distintos estágios de maturação em jovens futebolistas das categorias infantil e juvenil.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 3. Nº. 2. 2015. p. 199-203.

ASADI, A.; RAMIREZ-CAMPILLO, R.; ARAZI, H.; VILLARREAL, E. S. **The effects of maturation on jumping ability and sprint adaptations to plyometric training in youth soccer players.** Journal of sports sciences. p.17, 2018.

BRASIL. **Lei n. 8.650, de 22 de abril de 1993.** Dispõe sobre as relações de trabalho do Treinador Profissional de Futebol. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1989_1994/L8650.htm.

BRASIL. **Lei n. 9.696, de 1º setembro de 1998.** Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm

BARBOSA, D. M. **Influência da maturação biológica sobre indicadores antropométricos funcionais e habilidades técnicas de jovens futebolistas.** TCC de Graduação em Educação Física/Bacharelado. Centro Desportivo. Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

BETTEGA, O. B., SCAGLIA, A. J., MORATO, M. & GALATTI, L. R. **Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica.** Movimento, 21(3), 791-801, 2015.

BRANDÃO, M. R. F.; MORGADO, F.; MACHADO, A. A.; ALMEIDA, P. **O futebol e seu significado**. Motriz, Rio Claro, v. 14 n. 3, p. 233-240, 2008.

CALDAS, W. **Aspectos Sociopolíticos do futebol brasileiro**. Revista USP – Dossiê Futebol. São Paulo, n. 22, p. 40-49, 1994.

CARDOSO, M. F. S. **Para uma teoria da competição desportiva para crianças e jovens - Um estudo sobre os conteúdos, estruturas e enquadramentos das competições desportivas para os mais jovens em Portugal**. Tese de Doutorado - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Marcelo Cardoso, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2007.

CASTELO, J. **O Exercício de treino desportivo. A Unidade lógica de programação e estruturação do treino desportivo**. Edições FMH. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 2002.

COSTA, I.; GRECO, P.; GARGANTA, J.; COSTA, V.; MESQUITA, I. **Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. v 9 (2): 41-61, 2010.

CUNHA, G. B. DA.; MESQUITA, I. M. R.; ROSADO, A. F. B.; SOUSA, T.; PEREIRA, P. **Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de Futebol em função da sua experiência e nível de formação**. Motriz, Rio Claro, v.16 n.4 p.931-941, out./dez. 2010.

CUNHA, S. A.; MOURA, F. A.; SANTIAGO, P. R. P.; CASTELLANI, R. M.; BARBIERI, F. A. **Futebol: aspectos multidisciplinares para o ensino e treinamento**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2011.

FERNANDES, J. C. P.; MOURA, D. L.; ANTUNES, M. M.; LIMA, R. L. de. **Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro**. Esporte e Sociedade, [s. l.], ano 8, n. 22, p. 1-16, set. 2013

FURTADO, H. L.; GOULART. A.; SIMON, D. **Treinadores de futebol no Brasil: indícios preliminares sobre formação e carreira.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol, São Paulo. v. 11. n. 42. p.150-159. Jan./Fev./Mar./Abril. 2019.

FURTADO, H. J.; KRAUSS, D. S.; JAQUES. G. **Formação de treinadores de futebol no Brasil: desafios para os programas de qualificação profissional do futebol brasileiro oferecidos pela CBF.** Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo.v.11. n. 41. p.160-169. Jan./Fev./Mar./Abril, 2019.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos.** São Paulo. Phorte, 2005.

GOMES, A. C.; SOUZA. J. **Futebol: Treinamento desportivo de alto rendimento.** Porto Alegre. Artmed, 2008.

GOMES, G. R. dos SANTOS, F. V. LAPORT, T. J. **Inserção do psicólogo do esporte nas categorias de base de times de futebol.** Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 46-54 set./dez. 2022.

LEAL J C. **Futebol, Arte e Ofício.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

Lei n. 9.615, de 24 de março de 1998 (1998). **Institui normas gerais sobre desporto, e dá outras providências.** Brasília, 1998. *Disponível em:* https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19615consol.htm

MACEDO, P. A. P.; LEITE, M. M. **Scout como um instrumento avaliativo do treinamento esportivo nas categorias de base do futebol.** Revista Brasileira de Futebol. Jan-Jun; 02(1): 21-35, 2009.

MACHADO, A. A. **Especialização esportiva precoce: perspectivas atuais da psicologia do esporte.** São Paulo. Fontoura, 2019.

MACHADO, A. **Psicologia do Esporte: da Educação física escolar ao esporte de alto nível.** Rio de Janeiro. Guanabara-Koogan, 2006.

MALINA, R. M.; BOUCHARD, C. **Atividade Física do atleta jovem: do crescimento à maturação.** São Paulo. Roca, 2002.

MALINA R. M.; BOUCHARD C.; BAR-OR. O. **Growth, maturation, and physical activity.** 2nd ed. Champaign, Ill.; United States: Human Kinetics; 2004.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. **Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira.** Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-19, 2009.

MARTURELLI, M. J.; OLIVEIRA, A. L. de. **Treinadores de futebol de alto nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais.** IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, Ponta Grossa, 2005.

MATTA, M. O.; FIGUEIREDO, A. J. B.; GARCIA, E. S.; SEABRA, A. F. T. **Crescimento, maturação biológica e aptidão física e técnica de jovens futebolistas: uma revisão.** Revista brasileira Futebol. Jan-Jun; 06(1): 85-99, 2013.

OLIVEIRA, J. R. DE.; BORGES, P. H.; MOLENA-FERNANDES, C. A.; KRAVCHYCHYN, C.; BARBOSA-RINALDI, I. P.; **Formação e atuação de treinadores de futebol no Brasil: o olhar dos pesquisadores.** Coleção Pesquisa em Educação Física - vol.18, n.4, 2019.

PAOLI, P.B; SILVA C.D; SOARES A.J.G. **Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro.** Revista Brasileira de Futebol. nº 1, vol 1, Julho/Dezembro, 2008.

PAOLI, P.B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.** (Tese Apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, como Requisito Parcial à Obtenção do Título de Doutor em Educação Física). Rio de Janeiro/RJ: PPGEF/UGF, 2007.

PEARSON, D. T.; NAUGHTON, G. A. & TORODE, M. **Predictability of physiological testing and the role of maturation in talento identification for adolescent team sports.** Journal of Science and Medicine in Sport, 9, 277-287, 2006.

PEREIRA, J. da C. **O perfil do treinador de futebol para século XXI.** Rio de Janeiro. Editora Autografia, 2015.

RAMOS FILHO, D. M.; LOPES, G. C.; OLIVEIRA-JÚNIOR, A. V. **Avaliação da maturação em crianças e jovens.** Revista HUPE, Rio de Janeiro, 2013;12(4):38-46, 2013.

RÉ, A. H.; BOJIKIAN, L. P.; TEIXEIRA, C. P.; & BÖHME M. T. **Relações entre crescimento, aptidão física, maturação biológica e idade cronológica em jovens do sexo masculino.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, n.19, 153-162, 2005.

RÉ, A. H.; CORRÊA, U. C. & BÖHME, M. T. **Anthropometric characteristics and motor skills in talent selection and development in indoor soccer.** Perceptual and Motor Skills, 110, 916-930, 2010.

RÉ, A. H. N. **Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte.** Motricidade, São Paulo, vol. 7, n.3, p. 55-67, 2010.

ROSADO, A., SARMENTO, P.; RODRIGUES, J. **Formação de treinadores desportivos.** Rio Maior: Instituto Politécnico de Santarém, Coleção Desporto, 2000.

SANTOS, A. **Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª divisão B, na prelecção de preparação e na competição.** Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa, 2003.

SANTOS, P. B. D.; COELHO, R. W.; KELLER, B.; STEFANELLO, J. M. F. **Fatores geradores de estresse para atletas da categoria de base do futebol de campo.** Motriz, Rio Claro, v.18 n.2, p.208-217, abr./jun. 2012.

SERPA, S. **Treinar jovens: complexidade, exigência e responsabilidade.** Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, 1. sem. 2003

SEABRA, A.; MAIA, J. A.; GARGANTA, R. **Crescimento, maturação, aptidão física, força explosiva e habilidades motoras específicas. Estudo em jovens futebolistas e não futebolistas do sexo masculino dos 12 aos 16 anos de idade.** Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol. 1 n. 2. 2001. p. 22-35.

SMITH, R.; SMOLL, F. **Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting.** Current Directions in Psychological Science, Oxford, v. 6, n. 1, p. 16-21, 1997.

SILVA, L. L. R. **Desempenho esportivo: treinamento com crianças e adolescentes.** São Paulo. Phorte, 2006.

SILVA, D. A. S.; OLIVEIRA, A. C. C. **Impacto da maturação sexual na força de membros superiores e inferiores em adolescentes.** Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano. Vol. 12 n. 3. p. 144 -150, 2010.

SOARES, A. J. G.; BARTHOLO, T. L.; MELO, L. B. De. ROCHA, H. P. A. Da. **Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola.** Motriz, Rio Claro, v. 17 n. 2, p. 252-263, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198065742011000200004&script=sci_arttext. Acesso em: 11 jul. 2023.

SORIANO, F. **A bola não entra por acaso.** São Paulo: Larousse Brasil, 2010.